

Belo Horizonte, 16/04/2024

À Caixa Econômica Federal

Assunto: Implementação da Caixa Cultural em Minas Gerais

Prezado Vice-Presidente Marcelo Campos Prata,

A Associação dos Gestores da Caixa Econômica Federal de Belo Horizonte (AGECEF BH), a Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal de Minas Gerais (APCEF MG) e a Associação dos Economiários Aposentados de Minas Gerais (AEA MG), vêm por meio deste MANIFESTO, solicitar à gestão da CAIXA a instalação de um espaço da Caixa Cultural em Minas Gerais.

A Caixa Cultural é uma reivindicação antiga dos empregados da Caixa no Estado. Minas Gerais, além de abrigar mais de 8.000 empregados lotados em mais de 500 agências distribuídas em 05 Superintendências da Caixa, além de centralizadoras, filiais e rede de atacado, é um importante polo econômico e cultural no país, com uma rica história cultural que merece ser valorizada e difundida. A implementação do projeto Caixa Cultural em Minas Gerais seria um grande passo para a promoção da cultura em nosso Estado, possibilitando a democratização do acesso à cultura, bem como a valorização de artistas e de nossa rica história, além de contribuir para a imagem da Caixa junto aos seus clientes e para o fortalecimento e ampliação de seus negócios.

Minas é uma das maiores economias do país e um dos principais Estados a produzir projetos e manifestações culturais. E sabemos que a Caixa Cultural é uma iniciativa muito importante para a promoção da cultura em todo o país, pois oferece aos cidadãos acesso a exposições, espetáculos teatrais, musicais, entre outras atividades.

Em 2023, foi anunciada a liberação de R\$30 milhões para retomada de patrocínios culturais por parte da CAIXA. Agora, na coletiva do balanço Caixa em 2023, o anúncio da criação da Caixa Cultural no Pará e a prospecção de novos espaços gerou um desejo ainda maior de integrar Minas Gerais no programa.

Relação CAIXA e Minas Gerais

Quatorze anos após a fundação por Dom Pedro II, a Caixa Econômica chegava em Minas Gerais. Em 05 de outubro de 1875, começava a funcionar em Juiz de Fora a primeira agência da Caixa. Importante ressaltar que Juiz de Fora era o principal núcleo econômico do Império, onde os recursos oriundos da cultura do café eram aplicados na indústria e comércio. Era necessária a presença de uma instituição que acolhesse a população mais pobre, em sua maioria composta por imigrantes, pessoas simples que para Minas vieram procurando uma vida melhor, e por escravos e forros que procuravam guardar suas economias.

Também importante salientar que, àquela época, a Província de Minas Gerais era a que possuía a maior população de escravos no Império. Com a mudança da capital, de Ouro Preto para Belo

Horizonte, foi inaugurada uma Agência na nova capital, situada na região da Praça da Estação e que passou a ser conhecida como Agência Central. Na segunda metade do século XX tal Agência se mudou para a Rua Tupinambás onde está localizada até hoje, sendo a segunda Agência CAIXA mais antiga em funcionamento, e uma das maiores agências bancárias da América Latina em número de clientes, onde passam diariamente cerca de 5.000 pessoas.

Uma comprovação da necessidade de se criar um espaço dedicado à cultura é a experiência ocorrida no início da década de 1980 quando da instalação da Agência Gutierrez (atual Agência Santo Agostinho), no prédio localizado na Avenida do Contorno, esquina com Rua Araguari. Tal unidade possuía um espaço dedicado à cultura que incluía uma galeria de arte que, em temporadas concorridas, apresentou obras de artistas mineiros, renomados entre os quais Yara Tupinambás. Artista esta que possui suas obras também no Acervo da CAIXA.

Histórico da demanda da CAIXA Cultural

Na gestão da presidente Maria Fernanda Coelho, foi anunciada a ampliação dos espaços da CAIXA Cultural. À época, foram prospectadas alternativas para viabilizar o espaço em Belo Horizonte/MG. Propostas de parceria foram apresentadas. No entanto, Minas ficou de fora da ampliação, que contemplou Recife, Fortaleza e Porto Alegre. Este último ainda em construção até hoje, numa obra significativamente onerosa para a CAIXA.

Mais tarde, o Governo do Estado de Minas Gerais ofereceu um prédio no Circuito Cultural da Praça da Liberdade. Também a empresa Usiminas propôs parceria na reforma do prédio do Cine Brasil, destinando parte do prédio, que fica no coração da capital mineira e vizinho da Agência Tupinambás, para abrigar um espaço cultural da CAIXA. As duas propostas, como várias outras, não lograram êxito.

Em 2017, como projeto da então direção da CAIXA, presidida por Gilberto Occhi, iniciou-se a prospecção de parcerias para a instalação de um espaço da CAIXA Cultural em Belo Horizonte. Dois prédios próximos ao Circuito Cultural Praça da Liberdade foram avaliados para abrigar o novo espaço, porém foi uma negociação junto ao Minas Tênis Clube que teve sua proposta levada à apreciação da gestão da CAIXA. O modelo era diferente dos outros espaços da CAIXA Cultural no país. Diferentemente dos regimes feitos para os prédios que abrigam os espaços CAIXA Cultural até então, onde a CAIXA assume toda a responsabilidade e custos de manutenção, preservação e administração dos espaços, a proposta para Belo Horizonte era inovadora e buscava uma parceria menos onerosa para a CAIXA. A proposta era viabilizar a CAIXA Cultural através da figura de um patrocínio, com duração de 6 anos - salvo engano. A CAIXA teria os custos iniciais via área de Logística para a adequação do espaço com a identidade visual da CAIXA, depois seria o desembolso do patrocínio anual, de cerca de R\$6.000.000,00. Para se ter uma ideia de economia, à época o custo do espaço da CAIXA Cultural menos dispendioso para a CAIXA era de R\$11.000.000,00 anual. A parceria também teria diversas contrapartidas de visibilidade de marca, ativações com clientes e ações de relacionamento, além de significativo retorno comercial para a CAIXA, com reciprocidade comercial junto ao clube, que centralizaria todas as suas movimentações financeiras (folha de pagamento, aplicações, operações financeiras e cobrança) na CAIXA, conforme cláusulas contratuais. A proposta chegou à avaliação do Conselho Diretor, que solicitou adequações para definitiva aprovação. Porém em 2019, a gestão da CAIXA à época, mesmo ciente do processo avançado da negociação, engavetou a proposta.

Sendo assim, solicitamos a sensibilidade e a atenção dessa gestão, que pretende reconstruir a CAIXA e o orgulho de seus empregados, que considere a possibilidade de instalar um espaço da Caixa Cultural em Minas Gerais, contemplando os mais de 8.000 empregados CAIXA presentes no Estado e sua contribuição para os resultados sustentáveis da CAIXA, além de valorizar a rica diversidade cultural de Minas Gerais, que vai desde o artesanato de barro e o canto das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha, passa pela beleza do Inhotim e pelos traços de Niemeyer e de grandes artistas plásticos, como Yara Tupinambá e Álvaro Apocalypse, que possuem obras no acervo da CAIXA, e se espalha nas várias regiões do Estado, seja pelo bordado, pelo Barroco, pelo canto das Folias de Reis, pela expressiva cena teatral e musical e pelos versos de Bituca, Drummond, Adélia Prado, Guimarães Rosa e tantos outros artistas, que dão significado e identidade ao povo dessa terra.

Agradecemos antecipadamente pela atenção e colaboração.

Atenciosamente,

Associação do Gestores da Caixa Econômica Federal de Belo Horizonte – AGECEF BH

Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal de Minas Gerais – APCEF MG

Associação dos Economiários Aposentados de Minas Gerais – AEA MG